

Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada

Cleci Regina Bevilacqua*

Resumo: Este texto tem o objetivo de apresentar um panorama tanto da fraseologia da língua comum como da fraseologia especializada. Para tanto apresentaremos, inicialmente, a perspectiva dos primeiros lingüistas que estudaram o tema na língua comum, bem como dos autores mais recentes que procuram representar as unidades fraseológicas nos dicionários de língua geral. Em seguida, apresentaremos as propostas de definição dos diversos autores que se dedicam à fraseologia especializada. Com este panorama, pretendemos mostrar que a fraseologia é um fenômeno lingüístico de grande importância tanto para os profissionais e aprendizes de uma língua estrangeira como para os tradutores e mediadores lingüísticos (jornalistas), pois revela a competência lingüística dos falantes de uma língua, seja ela

materna, seja ela estrangeira.

Palavras-chave: fraseologia da língua comum, fraseologia da língua especializada, ensino de línguas estrangeiras, tradução, terminologia.

Resumen: Este texto tiene el objetivo de presentar un panorama de la fraseología tanto de la lengua común como de la fraseología especializada. Para ello, presentaremos, en un primer momento, la perspectiva de los primeros autores que estudiaron el tema en la lengua común, así como los autores más actuales que buscan representar las unidades fraseológicas en diccionarios de la lengua general de determinada comunidad lingüística. En segundo lugar, presentaremos las propuestas de definición de los estudiosos de la fraseología especializada. Con este panorama, queremos mostrar que la

* Departamento de Línguas Modernas, pesquisadora do Projeto Termisul, docente do PPG-Letras do Instituto de Letras, UFRGS. Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, Espanha.

fraseología es un fenómeno lingüístico importante no sólo para los profesionales y aprendices de una lengua extranjera, sino también para los traductores y mediadores lingüísticos (periodistas), pues revela la competencia lingüística de los hablantes de una lengua, sea materna, sea extranjera.

Palabras clave: fraseología de la lengua común, fraseología de la lengua especializada, enseñanza de lenguas extranjeras, traducción, terminología.

1 Introdução

Neste trabalho apresentaremos um panorama amplo sobre a fraseologia da língua comum e sobre a fraseologia especializada. Para tanto, faremos referência, inicialmente, a alguns fatores que justificam a importância da fraseologia como um aspecto importante no ensino e aprendizagem de uma língua, seja ela materna, seja ela estrangeira. Em seguida, faremos uma revisão das perspectivas dos diferentes autores sobre este fenômeno lingüístico, apresentando, em primeiro lugar, os estudiosos que tratam da fraseologia da língua comum e, posteriormente, aqueles que tratam da fraseologia especializada. Pretendemos, finalmente, expor nossa proposta de definição de unidades fraseológicas especializadas, resultante da pesquisa realizada para a tese de doutorado¹. Desse modo, queremos oferecer elementos necessários e suficientes para lançar algumas

luzes sobre o tema e despertar o interesse de novos pesquisadores sobre o mesmo.

Na língua comum, expressões do tipo *com certeza; às pressas; todo santo dia; a menos que; a fim de que; tomar parte em; água mole em pedra dura, tanto bate até que fura* recebem, entre outras denominações, as de *expressões idiomáticas, locuções, fraseologismos*. Para alguns autores, a fraseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os ditados, as locuções e as lexias compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuam estruturas extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, locuções, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante. Observamos, portanto, que há uma diversidade de unidades que são consideradas fraseológicas, do mesmo modo que há uma diversidade em relação a sua denominação. Contudo, apesar desse fato, os falantes nativos de uma língua sabem reconhecê-las e utilizá-las adequadamente.

Por sua vez nos âmbitos especializados, as unidades do tipo *clicar o mouse; gerenciamento do sistema ambiental; para os fins do disposto na lei...; sendo o que tínhamos para o momento, despedimo-nos* são chamadas, entre outras denominações, de *fraseologismos, unidades fraseológicas*

¹ Ver Bevilacqua, 2004.

especializadas, colocações especializadas, etc. Encontra-se também uma variedade de definições sobre as unidades que constituem o objeto de estudo da fraseologia especializada. Assim, alguns autores podem incluir, sob a denominação *fraseologia especializada*, todas as unidades sintagmáticas, ou seja, todas aquelas construções formadas por mais de um elemento lingüísticos (*ataque cardíaco, contaminar o meio ambiente, esta lei entra em vigor na data de sua publicação, etc.*)². Outros autores consideram que são unidades que incluem um termo com o qual co-ocorre um verbo (*proteger a meio ambiente*), uma preposição (*de acordo com o disposto na lei*), um advérbio (*politicamente correto*). Há ainda autores que propõe que estas unidades podem ser maiores como os exemplos já apresentados *esta lei entra em vigor na data de sua publicação; sendo o que tínhamos para o momento, despedimo-nos*.

Desse modo, conhecer as unidades fraseológicas implica uma competência lingüística em relação aos recursos lingüísticos utilizados nos

textos de determinados âmbitos do saber. Além disso, supõe um grau de conhecimento da matéria ou da temática tratada nestes textos, já que eles se constituem, junto com os termos, em unidades transmissoras de conhecimento especializado. Para dar um exemplo, no caso dos tradutores ou de outros mediadores lingüísticos como os jornalistas, é necessário saber identificar e usar estas unidades. É preciso saber, por exemplo, se uma unidade como *to initialize the software*, utilizada na área da informática, se traduz, para o português, por *inicializar um programa* ou *iniciar um programa*. Assim, saber reconhecê-las como unidades que exercem a função de transmitir conhecimento especializado em determinada área do saber é uma garantia a mais de que o texto será correto do ponto de vista lingüístico e adequado do ponto de vista da temática tratada.

A partir dessas observações iniciais, queremos ressaltar, por um lado, a complexidade da temática em questão, principalmente porque há uma grande diversidade em relação à definição dessas unidades, bem como à sua denominação, e aos critérios para sua identificação. Por outro, mostrar a sua importância, posto que o reconhecimento das unidades fraseológicas e o conhecimento de seu funcionamento e uso em situações comunicativas são fundamentais no estabelecimento da comunicação e interação entre os falantes de determinada língua.

Consideramos que esta diversidade denominativa e conceitual, os diferentes

² Observamos que estes autores não estabelecem a distinção entre termos e unidades fraseológicas. Os primeiros, como veremos detalhadamente na seqüência do trabalho, referem-se a um conceito determinado como *meio ambiente* que, embora seja sintagmático, possui um referente específico. As unidades fraseológicas não possuem esta propriedade; elas incluem um termo, mas não se referem a um conceito determinado ou a um único referente. Para mais detalhes ver Blais (1993), Cabré, Lorente e Estopà (1996).

parâmetros estabelecidos para seu reconhecimento, bem como sua importância no processo comunicativo são razões que justificam o interesse pelo seu estudo. Isso significa dizer que a necessidade de saber quais as unidades lingüísticas podem ser fraseológicas, que propriedades as caracterizam e como podem ser reconhecidas constituem-se em fatores motivadores da pesquisa nesta área.

No entanto, acreditamos que há uma outra motivação relevante, qual seja, a competência lingüística. No caso da língua comum, como falantes nativos de uma língua, sabemos como e quando utilizar estas unidades. Conseguimos aprendê-las de forma muito próxima a das palavras simples, dado seu grau de lexicalização (Ex. *a vaca foi pro brejo; para meio entendedor...*, etc.). No entanto, no momento de aprendermos uma língua estrangeira, sua aquisição converte-se em um ponto fundamental, pois aprender a identificá-las como unidades que possuem um significado específico e saber usá-las de forma adequada é sinônimo de competência lingüística nesta língua estrangeira. Do mesmo modo, ao produzir ou traduzir um texto especializado é necessário conhecer as combinatórias específicas de determinada área do conhecimento, portanto, conhecer estas unidades também é índice de competência lingüística do tradutor ou do falante que produz o texto especializado.

2 Fraseologia da língua comum

A pesquisa inicial sobre o tema, mostrou que alguns autores eram mais conhecidos no estudo dessa temática, entre eles podemos citar Hausmann e Benson, Benson e Ilson. No entanto, o estudo aprofundado revelou-nos que outros autores já haviam tratado o tema, entre os quais mencionaremos apenas Saussure, Bally e Pottier.

Saussure faz referência às unidades que aqui chamamos de fraseológicas. Esse autor (1988:148), as denomina de agrupamentos e as define como

“sintagmas compostos por duas ou mais unidades consecutivas que estabelecem um encadeamento de caráter linear. Os sintagmas podem corresponder a palavras, a grupos de palavras, a unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie como as palavras compostas, derivadas, membros de frases e frases inteiras” (idem: 143-144).

Sua preocupação com estas unidades justifica-se “porque não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos”; e acrescenta “na língua tudo se reduz a diferenças, mas também a agrupamentos” (p. 149). Como exemplos, cita: *estar na lua, à força de*.

Seguindo a perspectiva estruturalista, podemos citar Charles Bally que, em seu *Traité*

de *Stylistique Française* (1951), afirma que “a assimilação dos fatos da língua ocorre, principalmente, pelas associações e agrupamentos, que podem ser passageiros, ou passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis”. Propõe, então, dois tipos de unidades ou locuções fraseológicas, apresentando, de modo precursor, os diferentes graus de fixação para essas unidades:

a) *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais*, quando o grau de coesão é relativo. Nesse caso, as palavras que compõem a expressão têm, isoladamente, autonomia, mas não no conjunto. Como exemplos cita *amar loucamente* e *desejar ardentemente*;

b) *unidades fraseológicas*, quando o grau de coesão é absoluto. Nesse caso, as palavras perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo significado, que não é o resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Exemplos desse tipo são as locuções adverbiais e verbais como *ainda há pouco, mais ou menos*, etc.

Avançando um pouco mais no tempo, encontramos em Pottier (1978) a proposta de lexias, consideradas como unidades lexicais memorizadas, pertencentes a uma categoria ou classes superiores. Propõe quatro tipos de lexias, a saber:

- a) simples: *cadeira, janela*;
- b) composta: *saca-rolha, verde-garrafa*;
- c) complexa: *complexo industrial*,

sinal vermelho;

d) textual: hinos, charadas, provérbios, etc; *tudo leva a crer, ser vinho da mesma pipa*.

Este último grupo é o que corresponde às unidades fraseológicas, pois se caracterizam por ter seu significado derivado do conjunto e não de cada um dos elementos que a compõem e também por ter um elevado grau de lexicalização.

Como afirmamos anteriormente, citar estes três autores é uma forma de recuperar o percurso evolutivo dos estudos relacionados à fraseologia, mostrando, desse modo, suas origens e sua evolução.

Avançando um pouco mais nesse percurso, faremos referência a três autores mais recentes: Hausmann (1990), Mel’cuk (1984, 1988, 1992) e Benson, Benson e Ilson (1996).

Hausmann (1990) denomina estas unidades de *colocações* e estabelece que estão formadas, basicamente, por dois elementos, um dos quais é considerado como base e o outro, o colocado ou o elemento co-ocorrente. A base é um elemento semanticamente autônomo, ao passo que o co-ocorrente está restringido semanticamente por ela. Considera-se também que são unidades semi-lexicalizadas e que possuem um valor semi-composicional, ou seja, que seu significado não pode ser deduzido de forma independente por cada um dos elementos que a compõem, mas pelo conjunto desses elementos. Por estas razões, os autores que seguem esta proposta afirmam

que estas unidades devem ser incluídas nos dicionários e são memorizadas pelos falantes.

Além disso, propõe determinadas estruturas morfossintáticas que auxiliam no seu reconhecimento tais como: substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; verbo + substantivo, verbo + advérbio. Alguns exemplos podem ser: *doença infecciosa, sistema nervoso, cometer um crime, morrer de inveja*, etc.

Por sua vez, Mel'cuk (1984, 1988, 1992), para identificar e representar estas unidades em um dicionário, baseia-se na tipologia de relações semânticas estabelecidas entre os elementos que constituem a unidade fraseológica, principalmente em funções léxicas. Desse modo, para uma determinada unidade léxica atribui-se uma função que possui um valor, podendo expressar-se através da fórmula:

$f(X) = Y$, onde

f é a função léxica

X é o seu argumento que pode ser um lexema ou uma locução

Y é o valor da função

Assim, a unidade *ruído infernal* pode ser explicada pela existência da função *Magn*, que é a função léxica que indica *intensidade, grau elevado*, cujo valor é indicado por *infernal* e que se aplica ao lexema *ruído*. Sua representação, segundo esta proposta, é: *Magn (ruído) = infernal*.

A partir das funções léxicas, Mel'cuk elabora um dicionário combinatório e

explicativo do francês em que as colocações aparecem descritas por tais funções. Na verdade, seu dicionário não se dirige propriamente a qualquer usuário, pois não se caracteriza como um dicionário de língua comum e sim como um dicionário de caráter prototípico a partir do qual podem ser criadas propostas de representação e estudo do léxico de determinada língua.

Finalmente Benson, Benson e Ilson (1996) caracterizam estas unidades principalmente pelo seu grau de fixação por determinadas estruturas morfossintáticas, semelhantes às propostas por Hausmann (substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; verbo + substantivo; verbo + advérbio; substantivo + preposição + substantivo). Estes autores também propõem um dicionário para a língua inglesa em que estas unidades estão representadas.

Com este breve panorama, pretendemos dar uma visão geral do que podem ser as unidades fraseológicas da língua comum, representadas pelas perspectivas lexicológica e lexicográfica.

A partir dessas breves informações, é possível afirmar que a fraseologia da língua comum abrange o estudo de unidades bastante diversas: provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções. Os fatores que permitem sua união sob o hiperônimo *fraseologia* são de caráter semântico, isto é, sua significação, estabelecida a partir do conjunto dos

elementos que as formam, e o seu elevado grau de lexicalização. Portanto, consideramos que sob o rótulo fraseologia é possível abrigar unidades sintagmáticas que, embora diversas do ponto de vista estrutural, possuem, pelo menos, duas propriedades fundamentais comuns. Desse modo, consideramos ser possível manter uma certa unidade em relação ao objeto de estudo da fraseologia da língua comum, sem deixar de levar em conta as propriedades específicas de cada um de seus tipos.

Esperamos, com essa breve revisão dos autores que tratam da fraseologia da língua comum, ter oferecido um panorama amplo sobre o tema e estabelecido os fundamentos para que os interessados neste tema possam dar continuidade aos seus estudos. No ponto seguinte, trataremos da fraseologia especializada e veremos que alguns autores já citados, principalmente os mais recentes, são retomados e suas propostas são aplicadas também às unidades fraseológicas utilizadas em textos especializados.

3 A fraseologia da língua especializada

O interesse crescente pelo estudo da fraseologia especializada e de seu objeto de estudo, as Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE), se dá a partir dos anos 90. Esse interesse ocorre, pelo menos em parte, pela necessidade de produção de textos especializados,

principalmente por parte dos mediadores lingüísticos – tradutores e redatores ou jornalistas, motivada pela divulgação cada vez maior de temas relacionados às ciências e às técnicas, bem como aos ofícios. Essa motivação fez com que se começasse a pensar que outras unidades lingüísticas, além dos termos, também transmitem conhecimento especializado e caracterizam o discurso de determinada temática específica. Desse modo e, conforme já mencionamos anteriormente, um tradutor deve saber que verbo acompanha determinado termo (por exemplo, *fazer febre* e não *ter febre* no âmbito da medicina).

Do mesmo modo que para a fraseologia da língua comum, realizamos um estudo aprofundado das diversas propostas referentes à fraseologia das línguas especializadas. Abaixo apresentaremos algumas dessas propostas, considerando-as dentro de duas grandes tendências ou perspectivas.

A primeira dessas tendências relaciona-se às propostas de Hasumann, Mel' cuk e Benson, Benson e Ilson. Como afirmamos anteriormente, estes autores desenvolvem propostas sobre a fraseologia não apenas de um ponto de vista teórico, mas também aplicado, isto é, voltado a elaboração de dicionários e, portanto, com um fim lexicográfico. Essa perspectiva de viés teórico-prático é recuperada por alguns dos autores que se dedicam à fraseologia especializada.

Nessa perspectiva, as unidades

fraseológicas são denominadas, mais freqüentemente, de *colocações* e estão formadas, basicamente, por dois elementos, um dos quais é considerado como base e o outro, o colocado ou o elemento co-ocorrente. Tal como propunha Hausmann, a base é um elemento semanticamente autônomo, ao passo que o co-ocorrente está restringido semanticamente por ela, e seu grau de lexicalização é alto, devendo, portanto, ser registradas nas obras terminográficas.

Também possuem determinadas estruturas morfossintáticas que auxiliam no seu reconhecimento tais como: substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; verbo + substantivo; verbo + advérbio. Alguns exemplos podem ser: *fractal complexo*, *cometer um crime ambiental*, *ambientalmente nocivo*.

Vemos, portanto, que as propriedades apresentadas para as colocações da língua comum também são aplicadas às unidades utilizadas em textos especializados. A diferença será que estas últimas incluem desde termos complexos ou sintagmáticos (*fractal complexo*, *ataque cardíaco*) até unidades maiores (*cometer um crime ambiental*). Desse modo, passamos a considerar que esta é uma perspectiva ampla de fraseologia especializada, uma vez que inclui todas as unidades sintagmáticas, independentemente de algumas delas se caracterizarem como termos, como *ataque cardíaco*.

Entre os autores que seguem esta

proposta, podemos incluir Heid (1992, 1998), Martin (1992), Lainé, Pavel e Boileau (1992), L'Homme (1995, 1998), Desmet (1996) e Bejoint e Thoiron (1992). A partir delas, estes autores propõem que as colocações ou unidades fraseológicas são combinações sintagmáticas determinadas, principalmente, pela relação semântica que se estabelece entre seus elementos, por suas estruturas morfossintáticas e pela freqüência, tal como podemos ver na definição proposta por Bejoint e Thoiron (1992:517):

“association privilégiées de quelques mots (ou termes) reliés par une structure syntaxique et dont les affinités syntagmatiques se concrétissent par une certaine récurrence em discours”

A outra perspectiva que identificamos é terminológica. Nesta perspectiva, as unidades fraseológicas são unidades sintagmáticas, formadas por dois ou mais elementos, mas se especifica que um dos elementos que as compõem é um termo ou unidade terminológica, a partir da qual se identifica ou seleciona a unidade. A definição proposta por Blais (1993:52) reflete bem esta visão:

“combinaison d'éléments linguistiques propre à un domaine de spécialité, dont l'un est un terme noyau, qui son liés sémantiquement et syntaxiquement et pour lesquels il existe une contrainte paradigmaticque”.

Entre os autores que seguem esta perspectiva, alguns (Pavel, 1993, Blais, 1993) estabelecem padrões morfossintáticos, mas não os consideram como um ponto de partida para seu reconhecimento, posto que, como afirmamos anteriormente, este sempre será um termo. Entre os padrões morfossintáticos identificados, podemos citar: termo + adjetivo (*agregado compacto*), verbo + termo (*absorver um agregado*), termo + verbo (*o agregado aparece*), substantivo + preposição + artigo + termo (*vibração das rodas*)³, etc.

Ainda dentro desta perspectiva, há autores que consideram que as unidades fraseológicas são de base verbal, distinguindo-se, portanto, dos termos que são, mais freqüentemente, de base nominal. Entre estes autores podemos incluir Cabré, Lorente e Estopà (1996) e Lorente, Estopà e Bevilacqua (1998).

Além de unidades fraseológicas consideradas como sintagmas, neste grupo, encontramos autores (Gouadec, 1994, Pesant e Thibault, 1993, Roberts, 1993) que propõem a inclusão de unidades maiores, equivalentes a frases inteiras. Como exemplos podemos citar: “*esta lei entra em vigor na data de sua publicação*”; “*declaramos, para os devidos fins, que...*”; “*acusamos recebimento de seu*

ofício...”.

Entre estes autores que seguem esta perspectiva terminológica, há a tendência de distinguir os termos sintagmáticos das unidades fraseológicas. Os critérios estabelecidos para distinguir esses dois tipos de unidades são:

a) sintáticos: os termos são de categoria nominal, enquanto que as UFE são mais freqüentemente de categoria verbal (*contaminar o meio ambiente*), mas podem ser também ser adjetivais (*ambientalmente nocivo*) ou inclusive preposicionais (*de acordo com o estabelecido na lei, de cúbito ventral*);

b) semânticos: os termos são definidos como unidades léxicas de caráter denominativo, referindo-se a um conceito, ao passo que as UFE são de caráter relacional e não se referem a um único conceito, mas são resultantes da combinação de conceitos (Blais, 1993).

Assim, distintamente dos autores que seguem a perspectiva lexicográfica, podemos dizer que os autores seguidores da perspectiva terminológica possuem uma visão mais restrita das unidades fraseológicas, pois as distinguem claramente das unidades terminológicas sintagmáticas.

Conforme o que afirmamos anteriormente, podemos constatar que há diferentes propostas de definições para UFE. Abaixo, apresentamos de forma resumida estas definições:

1) UFE como *colocação*, ou seja, como uma unidade resultante da combinação de duas unidades léxicas, uma das quais é o núcleo

³ Exemplos retirados de Pavel (1993), referentes ao tema dos fractais, e de Blais (1993), relativos aos automóveis.

(*colocador*) e a outra o *colocado*; são *semi-lexicalizadas e possuem determinados padrões morfossintáticos*;

2) UFE como uma combinação sintagmática que tem como núcleo central um termo ou uma unidade terminológica (UT), a partir da qual se identifica a unidade; distinguem-se dos termos por não se referirem especificamente a um conceito determinado e serem predominantemente de base verbal; embora também possam incluir sintagmas preposicionais e adverbiais, bem como unidades maiores que podem chegar a ser frases próprias de determinado texto especializado.

Ressaltamos ainda em relação à fraseologia especializada a diversidade denominativa existente. Isto significa dizer que não somente existem duas grandes perspectivas e concepções de unidades fraseológicas especializadas, mas também distintas denominações. Algumas delas citamos a seguir:

- *colocação* (HEID, 1992, 1998; MARTIN, 1992; DESMET, 1995-1996);

- *colocação das linguagens especializadas* (L'HOMME, 1998, 2000);

- *co-ocorrente* (LAINÉ, PAVEL, BOILEAU, 1992; PESANT, THIBault, 1993);

- *entidade fraseológica* (GOUADEC, 1994);

- *fraseologismo* (BLAIS, 1993; PAVEL, 1993);

- *unidade fraseológica* (GOUADEC,

1994);

- *unidade fraseológica especializada* (CABRÉ, LORENTE E ESTOPÀ, 1996, BEVILACQUA, 2004).

Embora exista essa diversidade denominativa, salientamos que ela nem sempre está relacionada diretamente à diversidade conceitual, uma vez que cada uma destas denominações não corresponde necessariamente a uma concepção ou definição específica de UFE dentro das perspectivas mencionadas anteriormente. Isso significa dizer que um mesmo autor que considere, por exemplo, as unidades fraseológicas como sintagmas formados por determinadas estruturas morfossintáticas (substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo, etc.) pode nomeá-los de diferentes formas: *fraseologismo, colocação, etc.*

Ainda dentro da fraseologia especializada, apresentaremos nossa proposta de definição de unidades fraseológicas especializadas. Esta definição é resultante da pesquisa realizada para a tese de doutorado (BEVILACQUA, 2004). Assim, após a revisão aprofundada e ampla dos autores que tratam este tema, a análise dos dados obtidos e a sua descrição, e situando-nos na perspectiva terminológica da fraseologia, elaboramos uma definição de UFE que apresentamos abaixo:

São unidades formadas por um núcleo eventivo, considerado como tal por ser de base verbal ou derivada de verbo

(nominalização ou participio), e por um núcleo terminológico (termo). Entre estes dois núcleos se estabelecem relações sintáticas, mas principalmente semânticas, determinadas pelas propriedades do texto em que são utilizadas. Portanto, são unidades que se conformam no e pelo texto em que são utilizadas. Cumprem, tal como os termos, a função de representar e transmitir conhecimento especializado.

Citamos como exemplos algumas unidades referentes ao âmbito da energia solar como: captar radiação, captação de radiação, absorver energia, absorção de energia. Nestes exemplos captar, captação, absorver e absorção são os núcleos eventivos, enquanto que radiação e energia são os núcleos terminológicos.

Pela definição que construímos, consideramos importante estabelecer a distinção entre termos sintagmáticos e as unidades fraseológicas especializadas. Desse modo, além das propriedades recém mencionadas para as UFE, podemos dizer que são de caráter mais relacional, ao passo que as unidades terminológicas têm um caráter denominativo e valor referencial e representam um núcleo de conhecimento em determinado âmbito. Para simplificar estas afirmações, podemos retomar o que já afirmamos anteriormente: as unidades terminológicas referem-se a um conceito, ao passo que as UFE representam a união de conceitos.

Com estes resultados, esperamos ter contribuído para o aprofundamento da definição e caracterização das unidades fraseológicas, principalmente as de caráter especializado.

4 Considerações finais

Com este texto pretendemos oferecer um panorama amplo da fraseologia da língua comum como da especializada. Para tanto, apresentamos as definições e propostas de vários autores que mostram o percurso feito até o momento em relação aos estudos referentes a esta temática.

No entanto, queremos ressaltar que ainda há muitos aspectos a serem estudados em relação a este tema. Assim, no que se refere à fraseologia da língua comum, podemos mencionar como pontos importantes a serem pesquisados:

- a necessidade de aprofundar o estudo e distinção das propriedades comuns e distintivas existentes entre os vários tipos de unidades fraseológicas;
- o estabelecimento de parâmetros para uma representação mais adequada das mesmas em obras lexicográficas.

No tocante à fraseologia da língua especializada, ainda merecem atenção os aspectos seguintes:

- a relação das unidades fraseológicas e os termos que as conformam e sua inclusão em

mapas conceituais que se configuram como a representação do conhecimento de determinado âmbito do saber;

- a inclusão e registros dessas unidades em bancos de dados terminológicos ou em bases de conhecimento.

Estes são apenas alguns aspectos que podem dar continuidade à pesquisa sobre o tema da fraseologia, um tema intrigante e motivador, pois como bem disse Saussure não nos comunicamos por palavras, mas por unidades, unidades que constituem textos que refletem, por sua vez, as diversas situações comunicativas. Daí a importância do estudo do tema e da necessidade de sua descrição e compreensão.

Referências bibliográficas

- BALLY, C.. (1951). **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, v. 1.
- BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. (1996). **The BBI combinatory dictionary of English**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- BÉJOINT, H.; THOIRON, Ph. (1992). “Macrostructure et microstructure dans un dictionnaire de collocations en langue de spécialité”. **Terminologie et traduction**, 2-3. Bruxelas: Comisión des Communautés Européennes, Service de Traductions, p. 513-522.
- BEVILACQUA, C.R. (2004). **Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar**. Barcelona: Instituto Universitario de Lingüística Aplicada (IULA), Universidade Pompeu Fabra. [Tese de Doutorado].
- BEVILACQUA, C.R. (1996). **A fraseologia jurídico-ambiental**. Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Letras, UFRGS. [Dissertação de mestrado].
- BLAIS, E. (1993). “La phraséologie. Une hypothèse de travail”. **Terminologies Nouvelles**, 10. Bruxelas: RINT, p. 50-56.
- CABRÉ, M. T.; LORENTE, M.; ESTOPÀ, R. (1996). “Terminología y fraseología”. **Actas del V Simposio de Terminología Iberoamericana**. Ciudad de México: Colegio de México, p. 67-81.
- DESMET, I. (1995-1996). **Pour une approche terminologique des sciences sociales et humaines. Les sciences sociales et humaines du travail en portugais et en français**. Paris: Université Paris-Nord (Paris XIII), Vol. II. [Tese de doutorado].
- GOUADEC, D. (1994). “Nature et traitement des entités phraséologiques”. **Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs: Actes de la deuxième Université d’Automne en Terminologie**. Paris: La Maison du Dictionnaire, p. 167-193.

- HAUSMANN, F.J. (1990). "Le dictionnaire de collocations". HAUSMANN, F.J. et al. **An International encyclopedia of lexicography**. Vol. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, p. 1010-1019.
- HEID, U. (1998). "Towards a corpus-based dictionary of German noun-verb collocations". Fontenelle, T. et al. **Euralex'98 Proceedings. Vol II**. Liège: Université de Liège, p. 513-522.
- HEID, U. (1992). "Décrire les collocations: deux approches lexicographiques et leur application dans un outil informatisé." **Terminologie et traduction 2/3**. Bruxelles: Commission des Communautés Européennes, Service de Traduction, p. 523-548.
- LAINÉ, C.; PAVEL, S.; BOILEAU, M. (1992). "La phraséologie - nouvelle dimension de la recherche terminologique. Travaux du module canadien du RINT". **L'Actualité terminologique, 25/3**. Canada: Bureau de Traduction, p. 5-9.
- L'HOMME, M-C. (2000) "Understanding Specialized Lexical Combinations". En: **Terminology**, Vol. 6, n. 1, p. 89-110.
- L'HOMME, M-C. (1998). "Caractérisation des combinaisons lexicales spécialisées par rapport aux collocations de langue générale". Fontenelle, T. et al. **Euralex'98 Proceedings**. Vol. II. Liège: Université de Liège, p. 513-522.
- LORENTE, M; BEVILACQUA, C.R.; ESTOPÀ, R. (2002). "El análisis de la fraseología especializada mediante elementos de la lingüística actual". En: CORREA, M (org.). (2002) **Atas VI Simpósio da Rede Ibero-americana de Terminologia. Terminología, desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: Ed. Colibri/ILTEC p. 647-666.
- MARTIN, W. (1992). "Remarks on Collocations in sublanguages". **Terminologie et traduction, 2/3**. Bruxelles: Commission des Communautés Européennes, Service de Traduction, p. 157-164.
- MEL'CUK, I. (1984, 1988, 1992). **Dictionnaire Explicatif et combinatoire du français contemporain**. Vol. 1, 2, 3, Montréal: Les Presses de la Université de Montréal.
- PAVEL, S. (1993). "La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques". **Terminologies Nouvelles, 10**. Bruxelles: RINT, p. 67-82.
- PESANT, G.; THIBAUT, E. (1993). "Terminologie et cooccurrence en langue du droit". **Terminologies Nouvelles, 10**. Bruxelles: RINT, p. 23-35.
- POTTIER, B. (1978). **Lingüística geral: teoria e descrição**. Rio de Janeiro: Presença/Universidade Santa Úrsula.
- ROBERTS, R. (1994-1995). "Identifying the phraseology of languages for special purposes (LSPs)". **Alfa: Actes de langue française et de linguistique**, vol. 7/8. Canada, Universitas

Dalhousiana, Halifax, p. 61-69.

SAUSSURE, F. (1988) **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 14a. ed.